



VARIA

Artigo



**CAPITAL HUMANO, GÉNERO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS DO
EMPODERAMENTO DA MULHER NUM CONTEXTO DE CHOQUES
CULTURAIS (MOÇAMBIQUE)**

*HUMAN CAPITAL, GENDER AND EDUCATION: CHALLENGES OF WOMEN'S
EMPOWERMENT IN A CONTEXT OF CULTURAL CLASHES (MOZAMBIQUE)*

*CAPITAL HUMAIN, GENRE ET ÉDUCATION : LES DEFIS DE L'AUTONOMISATION
DES FEMMES DANS UN CONTEXT DE CONFLITS CULTURELS (MOZAMBIQUE)*

Por Palvina Manuel Nhambi

75

Submetido: 24/04/2025

Aceite: 29/06/2025

Palvina Manuel Nhambi

Docente na Universidade Católica de Moçambique-FAGRENM-Tete e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Inovação Educativa na Faculdade de Educação e Comunicação-UCM-Nampula
<https://orcid.org/0009-0002-5490-0007>
pnhambi@ucm.ac.mz

Como citar

NHAMBI, P.M. Capital humano, género e educação: desafios do empoderamento da mulher num contexto de choques culturais (Moçambique). **Boletim GeoÁfrica**, v. 4, n. 12, p. 75-87, jan.-jun. 2025



RESUMO

Moçambique, assim como vários outros países, intensifica debates sobre género e educação como formas de enquadrar a mulher em várias actividades construtivas da sociedade. Esses debates carecem ainda do modelo eficaz de representação de mulher emancipada e emancipadora, pois o predomínio do modelo androcêntrico, devido aos choques culturais ainda se faz sentir em quase todos os domínios da sociedade. A mulher moçambicana ainda é vista e tratada como propriedade do marido, do patrão e da sociedade, e só nessa condição de subalterna é que ela pode ser reconhecida e fazer algo valioso. Por essa razão as instituições pouco confiam elevados cargos à mulher, apesar da sua formação académica, porque ela tem na retaguarda um homem como pilar sustentador das suas decisões pela influência da cultura. Este cenário é característico da educação da mulher influenciada por imagens estereotipadas duma libertação falsa e fácil, pois a submissão dela em relação ao homem e ao sistema, situa-se ao nível das relações interpessoais, do discurso e de representação do poder. O artigo reconhece que a mulher educada contribui para o desenvolvimento do capital humano e este para o desenvolvimento da sociedade. Por isso, numa abordagem qualitativa de matriz interpretativa, e seguindo o método indutivo, esta pesquisa, por meio duma análise bibliográfica e análise narrativa descritiva de conteúdos, procura responder a um duplo objectivo: compreender os desafios actuais do empoderamento da mulher, e trazer ao debate o choque existente entre os modelos tradicionais de educação da mulher e as exigências actuais da educação libertadora em que a mulher é chamada a ser protagonista da sua própria história.

Palavras-chave: Capital humano. Género. Educação. Empoderamento da mulher. Moçambique

ABSTRACT

Mozambique, like several other countries, intensifies debates on gender and education as ways of including women in various constructive activities of society. These debates still lack an effective model of representation of emancipated and emancipating women, since the predominance of the androcentric model, due to cultural clashes, is still felt in almost all domains of society. The Mozambican woman is still seen and treated as the property of her husband, her employer and society, and only in this subordinate condition can she be recognized and do something valuable. For this reason, institutions do not entrust high positions to women, despite their academic training, because they have a man behind them as the mainstay of their decisions due to the influence of culture. This scenario is characteristic of the education of women influenced by stereotyped images of a false and easy liberation, since her submission in relation to men and the system is situated at the level of interpersonal relationships, discourse and representation of power. The article recognizes that educated women contribute to the development of human capital and this to the development of society. Therefore, in a qualitative approach with an interpretative matrix, and following the inductive method, this research, through a bibliographic analysis and descriptive narrative analysis of contents, seeks to respond to a double objective: to understand the current challenges of women's empowerment, and to bring to the debates the clash between the traditional models of education for women and the current demands of a liberating education in which women are called to be protagonists of their own history.

Keywords: Human capital. Gender. Education. Women's empowerment. Mozambique

RÉSUMÉ

Le Mozambique, comme plusieurs autres pays, intensifie les débats sur le genre et l'éducation comme moyens d'intégrer les femmes dans diverses activités constructives de la société. Ces débats manquent encore d'une femme émancipée et émancipatrice, car la prédominance du modèle androcentrique, due aux affrontements culturels, se fait encore sentir dans Presque tous les domaines de la société. La femme mozambicaine est toujours considérée et traitée comme la propriété de son mari, de son patron et de la société, et ce n'est que dans cette condition subordonnée qu'elle peut être reconnue et accomplir quelque chose de précieux. Pour cette raison, les institutions confient rarement des postes élevés aux femmes, malgré leur formation académique, car elles ont derrière elles un homme comme pilier soutenant leurs décisions par l'influence de la culture. Ce scénario est caractéristique d'une éducation des femmes influence par des images stéréotypées de libération fausse et facile, car leur soumission par rapport aux homes et au système se situe au niveau des relations interpersonnelles, du discours et de la représentation du pouvoir. L'article reconnaît que les femmes instruites contribuent au développement du capital humain et ce au développement de la société. A ainsi, dans une approche qualitative avec une matrice interprétative, et suivant la méthode inductive, cette recherche, à travers une analyse bibliographique et une analyse narrative descriptive des contenus, cherche à répondre à un double objectif: comprendre les enjeux actuels de l'autonomisation des femmes, et porter dans les débats le choc entre les modèles traditionnels d'éducation des femmes et les exigences actuelles d'une éducation libératrice dans laquelle les femmes sont appelées à être les protagonistes de leur propre histoire.

Mots-clés : Capital humain. Genre. Education. Autonomisation des femmes. Mozambique



INTRODUÇÃO

Moçambique, assim como vários outros países, intensifica debates sobre género e educação como formas de enquadrar a mulher em várias actividades construtivas da sociedade. Esses debates carecem ainda do modelo eficaz de representação de mulher emancipada e emancipadora, pois o predomínio do modelo androcêntrico, devido aos choques culturais ainda se faz sentir em quase todos os domínios da sociedade. A mulher moçambicana ainda é vista e tratada como coisa pertencente ao homem, ao patrão e à sociedade, e só nessa condição de subalterna é que ela pode ser reconhecida e fazer algo valioso. Por essa razão as instituições pouco confiam elevados cargos à mulher, apesar da sua formação académica, porque ela tem na retaguarda um homem como pilar sustentador das suas decisões pela influência da cultura. Este cenário é característico da educação da mulher influenciada por imagens estereotipadas duma libertação falsa e fácil, pois a submissão dela em relação ao homem e ao sistema, situa-se ao nível das relações interpessoais, do discurso e de representação do poder. O artigo reconhece que a mulher educada contribui para o desenvolvimento do capital humano e este para o desenvolvimento da sociedade.

PROBLEMATIZAÇÃO E OBJECTIVOS

É notável a preocupação da promoção intensiva dos debates sobre género em Moçambique, algo que não é excepção de vários outros países como forma de enquadrar a mulher nas actividades construtivas da sociedade. Mas estes debates, apesar de reconhecermos algum progresso nas relações homem-mulher, carecem ainda do modelo eficaz de representação de mulher emancipada e empoderada. O que acontece é que o predomínio do modelo androcêntrico de dominação, devido aos choques culturais, à persistência de tendências colonialistas de dominação da mente, e devido ao domínio de um único modelo de conhecer (a ciência, hegemonia do ocidente) que comprometem a representação simbólica boa da imagem do homem e da mulher, ainda se faz sentir em quase todos os domínios da sociedade. É só notar que a mulher moçambicana ainda é vista como coisa pertencente ao homem e que, sem ele, ela nada pode fazer.

Este cenário faz com que a educação da mulher ainda seja influenciada por imagens estereotipadas duma libertação falsa e fácil da mulher, pois a submissão dela em relação ao homem



e ao sistema, não se situa apenas ao nível das relações interpessoais, mas também ao nível do discurso, do modo de pensar (epistemologia) e de representação do poder, o que é mais complicado.

Neste sentido, reconhece-se, por um lado, que o desenvolvimento do capital humano é uma estratégia chave para o desenvolvimento da sociedade, e reconhece-se também, por outro lado, que a educação da mulher, vista a partir duma visão pós-colonialista, é de extrema importância para o desenvolvimento do capital humano no contexto do Sul Global (Santos, 2007). Por isso, ao se falar do género, da cultura e da educação da mulher como estratégia para o desenvolvimento do capital humano, há que se falar de libertação da mente ou de descolonização da mente, e, no contexto de Tete, há que se falar também da descolonização da cultura, das estruturas e dos sistemas de poder (sobretudo o poder económico). É neste sentido que nos surge a seguinte inquietação: Como é que o discurso pós-colonial pode contribuir para que o género, a cultura e a educação da mulher possam ser estratégias do desenvolvimento do capital humano no contexto de choques culturais?

Em termos de objectivos, a pesquisa tem um objectivo geral duplo, no seguinte: por um lado, procura-se compreender os desafios actuais do empoderamento da mulher, e, por outro lado, baseando-se nas perspectivas pós-coloniais, procura-se trazer ao debate o choque existente entre os modelos tradicionais de educação da mulher e as exigências actuais da educação libertadora em que a própria mulher, oprimida pelo sistema, é chamada a ser a protagonista da sua própria história na condição de subalterna. Neste sentido, os objectivos específicos foram arrolados do seguinte modo: (a) descrever os desafios actuais do empoderamento da mulher num contexto marcado pelo domínio do Norte Global sobre o Sul Global por meio do domínio dos recursos naturais existentes no Sul; (b) discutir os conceitos de género e de cultura a partir duma visão epistemológica pós-colonialista, reconhecendo neles a presença de outros tipos de saber (ecologia de saberes, Santos, 2007); e (c) reflectir em torno de algumas linhas de educação da mulher mais orientadas para a libertação da sua mente e da sua “velha” imagem, tornando-a protagonista da sua própria história.

OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para o alcance dos objectivos acima arrolados, a pesquisa teve as seguintes opções metodológicas: (a) em relação ao tipo de pesquisa quanto à abordagem, seguiu-se a abordagem



qualitativa de matriz interpretativa; quanto aos objectivos, a pesquisa é descritiva de teor interpretativo-construtivista; (b) em relação ao método de abordagem, a pesquisa é dialéctica; (c) e em relação ao método de procedimento, a pesquisa monográfica.

No quadro seguinte, a partir de uma pesquisa e análise bibliográfica, são apresentadas as técnicas de recolha e análise de dados em correspondência com os objectivos específicos:

Tabela 1. Objectivos específicos

Objectivos específicos	Técnicas de recolha de dados	Técnicas de análise de dados
Descrever os desafios actuais do empoderamento da mulher num contexto marcado pelo domínio do Norte Global sobre o Sul Global por meio do domínio dos recursos naturais existentes no Sul.	Recolha bibliográfica: dados secundários.	Análise bibliográfica e interpretativa Análise descritiva de conteúdos Análise temática
Discutir os conceitos de género e de cultura a partir duma visão epistemológica pós-colonialista, reconhecendo neles a presença de outros tipos de saber (ecologia de saberes)	Recolha bibliográfica: dados secundários.	Análise bibliográfica e interpretativa Análise reflexiva Análise temática e descritiva de conteúdos
Reflectir em torno de algumas linhas de educação da mulher mais orientadas para a libertação da sua mente e da sua “velha” imagem, tornando-a protagonista da sua própria história.	Recolha bibliográfica: dados secundários.	Reflexão e análise interpretativa Construção teórica

Fonte: A autora (2024).

A PROBLEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE GÉNERO E DE CULTURA A PARTIR DO DISCURSO PÓS-COLONIAL EM DANTAS

O conceito de género era tido, na teoria feminista, apenas como sinónimo de mulher. Falar sobre o género era falar sobre as mulheres. Mas Dantas (s.a.) mostra-nos que o discurso pós-colonial, que é um discurso de desconstrução epistemológica do modelo colonialista para a reconstrução epistemológica a partir de vários “lugares” epistemológicos, problematiza a concepção colonialista do género para propor uma outra reflexão em que a questão de género toma em consideração não só a mulher, mas ambos os sexos.



Nesta linha, ganha sentido também a cultura. A concepção de mulher e de homem sempre responde à visão do que significa ser homem ou mulher numa determinada cultura e num determinado tempo. Para tal, Dantas serve-se da contribuição de Santos (2007), em que este explica o sentido daquilo que ele denomina de ecologia dos saberes. A partir desta visão, a cultura precisa de ser encarada como uma forma de saber que precisa de ser valorizada (ou criticada) como os outros tipos ou domínios de saber sem privilégios de nenhum.

PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO POPULAR NO PÓS-COLONIALISMO

Paulo Freire abre espaço para se pensar na educação para autonomia, libertação do homem e da mulher dos domínios do colonialismo, do capitalismo e do racismo. A educação e só a educação liberta. Nesta perspectiva deve-se ter o espírito crítico como um dos critérios da busca da liberdade pela educação. É por isso que:

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante. (Freire, 1996, p.22)

No pensar de Paulo Freire não há espaço para que o ser humano exista e viva no comodismo na esperança de que o outro reflecta em seu lugar e condicione a sua forma de ser e de agir, enquanto for educado. A educação dada e recebida sem excepção de género produz efeitos iguais na mulher, assim como no homem de forma individualizada e isso permite fazer com que cada um se realize e se assume como livre, pois a educação liberta. E esta liberdade é consistente graças ao espírito crítico de quem tem conhecimento de algo. De acordo com Meksenas (1994), é importante ter conhecimento porque é através do mesmo que a actividade humana ganha significado, facilita a relação com os seres e com o meio ambiente em que se encontra inserido. Pela educação, o ser humano é capaz de melhorar a sua forma de ver, analisar os fenómenos e passar a agir de maneira crítica, sustentando-se num olhar mais global e transformador da sociedade. Desta forma, é possível entender que a transformação do que se encontra ao redor do homem e a sua própria transformação, são fontes de libertação deste homem diante das forças que a natureza apresenta.

A educação não faz parte de um processo reservado à menoria e que pode ser considerado acabado, mas sim faz parte de um processo abrangente e contínuo, por essa razão é dinâmica e exige



“um engajar num autêntico ‘êxodo para frente’, num constante aperfeiçoamento da realidade, num esforço nunca acabado, sempre intenso” (Furter, 1966, p. 122). Esta ideia é sustentada por Dewey (1978) ao afirmar que “a educação é processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras.”(p. 17) De facto, a educação permite fazer uma revisão dos passos dados e a dar com perspectiva de avaliá-los e reorganizá-los na busca da excelência quanto possível para se manter vital, porque “a vida social se perpetua por intermédio da educação. O que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica, a educação o é para a vida social.” (Dewey, p. 19). Savater (1997, p. 102) considera que:

É educação aquela que tem objectivo de completar a humanidade do neófito, mas essa humanidade não pode realizar-se em abstracto nem genericamente, nem sequer consiste no cultivo de um gérmen idiossincrático latente em cada indivíduo, mas tem como função imprimir melhor uma orientação social precisa, isto é, a que cada comunidade considera preferível. O homem que a educação deve plasmear dentro de nós não é o homem tal como a natureza o criou, mas sim tal como a sociedade quer que ele seja; e querê-lo tal como o exige a sua economia interna.

A educação, quando entendida na visão de Savater, é possível perceber que ela está aberta para todos, mas apenas os interessados se beneficiam de acordo com as exigências mutáveis de cada época e circunstância e isso garante que o neófito depois de se formar seja capaz de dar resposta aos questionamentos da sociedade. A educação molda o ser homem e torna-o apto para enfrentar os desafios que o mundo apresenta.

De acordo com Gadotti (2006) a educação opera transformações nos indivíduos de maneira silenciosa, mas activa e persistente nos aspectos ideológicos através das lutas ideológicas que a escola tem enfrentado. A educação pode sim ocorrer em qualquer lugar, sobretudo a informal, mas a formal tem a escola como o local onde tudo se alinha de acordo com os desafios da actualidade, porque só assim a educação tem utilidade na sociedade, uma vez que, “os seres nascem não apenas inconscientes, mas também indiferentes aos objectivos e hábitos do grupo, precisam de tomar consciência deles e de se interessarem activamente por eles. A educação, e apenas a educação, encurta essa distância.” (Dewey, 2007, p. 21).



A EDUCAÇÃO DA MULHER E A PROBLEMÁTICA DO GÉNERO NA VISÃO DE GABRIELA SILVA

O Papa Francisco, aos senhores bispos da Colômbia, disse o seguinte: “a esperança na América Latina tem um rosto feminino”. Nesta ideia do Papa Francisco, é possível verificar a importância de educar a mulher, criando assim condições para que seja também ela detentora e transmissora de vida digna, que só é possível para quem teve a oportunidade de ser educada. Pensar em renovar a sociedade por meio da educação, excluindo o envolvimento da mulher, aquela que inspira um rosto de esperança para os dias melhores, pode ser sinal de um projecto fracassado.

Gabriela Silva, nas considerações finais do seu texto “Educação e género em Moçambique”, falando da educação da mulher em Moçambique, partindo de dois estudos de caso chega às seguintes constatações:

A colónia portuguesa, em colaboração com a Igreja Católica, contribuiu negativamente na formação dos indígenas uma vez que havia divisão programada para o acesso à educação, isto é, havia a educação dos brancos (ensino elementar) e dos negros (ensino rudimentar) em que o primeiro, o elementar, tinha como objectivo elevar cada vez mais a raça branca ao estatuto de superior dos indígenas, pois, o ensino rudimentar se preocupava apenas em ensinar o negro a ler e escrever para melhor corresponder nas actividades laborais. Era um ensino de baixa qualidade porque em maior parte era ministrada por professores não qualificados e como consequência havia muitas reprovações e contribuíam para a estagnação dos indígenas na mesma classe ou para um avanço lento dos mesmos. Neste tipo de educação acima apresentada não se contemplavam as mulheres, o que agudizou mais a questão da exclusão desta camada social. Neste caso, a mulher é excluída pela raça e ainda pela cultura em que se encontra inserida. Ora vejamos, por ser indígena, não tem oportunidade plena de se formar, isto é, a sua formação é condicionada pelo branco, seu patrão. Para além de se condicionar a formação, são seleccionados também os conteúdos a serem ensinados, com a intenção de concretizar os anseios a raça branca que tem os indígenas como submissos as suas ordens e oprimidos no seu estado de inferiores comparativamente a eles que são os patrões. Esta é uma realidade de exclusão, mas o homem sai mais ou menos beneficiada em relação a mulher, que pelo peso cultural, não podia fazer parte da educação. A mulher é obrigada a ficar em casa, cuidar das actividades domésticas e ainda é chamada de dona de casa, tudo para



permitir que ela se sinta confortável numa realidade de retrocesso. Como se pode considerar dona, alguém que lhe é tirada o direito de conquistar seus bens e se realizar como os outros? Se a mulher é rosto de esperança, segundo o Papa Francisco, há que compreender que o rosto deve ser visível para que a verdadeira esperança se expanda a todos que contemplarem esse mesmo rosto. Não se deve tirar espaço a mulher e a própria mulher, precisa mostrar se preocupada em situações em que é excluída. Dizer não a qualquer exclusão, só é possível pela educação e através de uma análise crítica dos fenómenos sociais.

As mulheres passam a ganhar espaço na educação só depois da independência, mas de forma incipiente e caracterizada com marxismo. (Silva 2007). Esta foi o cenário que o negro viveu e de forma acentuada a mulher, por essa razão há ainda problemas do género na educação, pois, hoje, há várias formas de exclusão da mulher. Em título de exemplo, é frequente escutar discursos que demonstram a submissão da mulher ao homem, mesmo que a mesma tenha estudado e a desempenhar cargo de chefia. Nas Instituições, várias actividades realizadas pelas mulheres, fora do local habitual de trabalho, acontecem, graças a um sim dado pelos homens e não apenas pelas próprias mulheres. São raras as vezes em que um homem deixa de tomar uma decisão que lhe obriga a viajar, só porque quer antes consultar a sua esposa, mas isso é frequente para as mulheres e é visto como sinal de respeito. Mas se de facto, isso, não é nenhum retrocesso porque se exige o seu cumprimento só na mulher!?! São pequenos exemplos, que até parecem insignificantes, mas que relevam quão a mulher continua excluídas e inibida de dar passos para sua realização, a fim de merecer ser dona no verdadeiro sentido.

ENFRENTANDO OS DESAFIOS ACTUAIS DO EMPODERAMENTO DA MULHER

Como podemos entender, os discursos pós-coloniais ajudam-nos a reler a nossa história a partir de outros prismas. A perspectiva colonialista ensinou-nos que há um tipo de saber válido, há um tipo de verdade válida, há um tipo de cultura válida, há um modelo de ser homem e mulher válidos, há um tipo de domínio válido etc. O resto é subalterno (Spivak), sem história (Hegel), sem identidade etc.

Neste modelo, a mulher africana é subalternizada três vezes: por ser mulher, por ser esposa e por ser africana. Ser subalterna por ser mulher, é notável em situações em que a sociedade



discrimina actividades para mulheres e para homens. Se encaixa aqui a ideia apresentada acima, em que a mulher não lhe é dada o direito de tomar a última decisão, pois este privilégio está reservada ao homem. Ser esposa é outra forma de subalternização, quando esta mulher é colocada na posição de cuidar do homem e obedecer-lhe plenamente. Neste caso o homem é patrão e superior, que tudo pode em relação a sua esposa, mas nunca ao contrário. A subalternização da mulher por ser africana, faz com que seja desvalorizada pelos europeus, vista como incapaz de pensar logicamente como as outras mulheres não africanas. Santos (2007) procura desconstruir o modelo que cria a separação entre o Norte Global (dominante) e o Sul Global (dominado). A exploração dos recursos naturais em Tete foi idealizada sob esta separação. E isto custa caro para as mulheres que vivem nos contornos destas actividades. Como desconstruí-la no nosso contexto?

RECONSTRUINDO OS CONCEITOS DE GÉNERO E DE CULTURA A PARTIR DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Falar de epistemologias do Sul é falar dos outros modos de saber pertencentes ao Sul Global que são ignorados pelo modelo científico (tido como hegemónico) de conhecimento. É preciso compreender que o uso da razão não está reservada ao sul, mas sim para todos ser humano localizado em qualquer parte do planeta. É urgente o envolvimento de todos para a mudança deste cenário. Quem é considerado como modelo de conhecimento, deve reflectir e se dedicar para que pelo menos seja digno de merecer esta designação. E para quem não é, se foco no que é possível fazer para construir seu conhecimento e exteriorizar.

Com o conceito *ecologia de saberes*, Santos (2007) leva-nos a reconhecer a existência de saberes autênticos no nosso meio, saberes constituídos por valores, tradições, intuições, linguagens simbólicas etc. que precisamos de revalorizar e ressignificar numa forma crítica e reflexiva, produzindo um modo de *falar* das coisas, e uma forma de produzir um *sentido global* (globalismo localizado) do mundo. Os conceitos de género e de cultura, em si, já respondem a um conjunto de significações que emergem a partir da distinção entre o Norte Global e o Sul Global. Precisam de ser ressignificados e revalorizados a partir da lógica da ecologia de saberes, sem medo de incorrer em erros nem em incoerências, pois é um exercício em processo, mas um exercício válido. (Dantas, s. a.).



A partir da perspectiva feminista e pós-colonialista, o gênero passa a ser uma categoria dinâmica que revaloriza as várias significações do sentido de ser homem e ser mulher nos diferentes contextos do Sul Global. Neste sentido, a cultura passa a ser o lugar próprio da afirmação do “eu”, um eu inconformado devido à negação que sempre sofreu como oprimido, mas também um eu cheio de esperança porque se reencontrou, um eu que caiu na conta de que ele (o subalterno) pode falar por si (Spivak) numa lógica de pedagogia do oprimido (Freire).

LEVANTANDO A VOZ A PARTIR DA SUA CONDIÇÃO DE SUBALTERNA

Ao redor das Minas em Tete, estão os subalternos, que tentam quotidianamente levantar a voz soltando gritos de socorro. Têm sido gritos de desespero por notarem que maior parte dos integrantes da Mina, não fazem parte dos locais e perdem a esperança de que um dia os locais irão escutar os seus gritos. As comunidades reassentadas, são também subalternas, deslocadas das suas zonas de conforto, afastadas da história que os liga com os antepassados e condenados a estarem em terras improdutivas e sem vias de acesso, sim é mais uma das formas de subalternização. É nestas zonas que a mulher também se encontra e junto da sua família, inala a poeira proveniente da extração mineira, como oprimido que precisa de ter voz e se libertar. Como se pode ver, dizer não a educação de um indivíduo, é suficiente para declarar a condenação do mesmo a uma situação de oprimido e subalterno.

ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DA MULHER

Quais são as linhas de orientação para a educação da mulher podemos propor como forma de libertar (ou descolonizar) a sua mente e a sua “velha” imagem, tornando-a protagonista da sua própria história? Aprender do passado e da história: todas as lutas de mulheres como Noémia de Sousa, Alda Lara, Clarice Lispector, Paulina Chiziane, e todo o movimento de emancipação social da África são um exemplo vivo da voz do oprimido, do inconformismo do subalterno. Estas mulheres ao se encontrar numa altura em que não tinha liberdade, fizeram da escrita a sua arma potente para soltar e tornar público o seu descontentamento. Podemos afirmar que foi a melhor opção, porque enquanto é possível fazer calar a oralidade, não há como impedir o avanço de uma



escrita que já se encontra no seio da sociedade. É mas um facto real que mostra a importância da educação de todos os indivíduos, pois só se beneficia da escrita quem foi educado. Uma educação que seja libertadora, mostrando à mulher que precisa de se libertar duma imagem negativa de mulher submissa, para reinventar uma imagem de mulher emancipada e emancipadora.

DESENVOLVENDO O CAPITAL HUMANO A PARTIR DA MULHER

Precisamos de reabilitar as categorias de “mulher negra”, de “mãe”, de “mãe negra”, de “África negra” por meio da releitura de textos como “Let my people go”, “Quero conhecer-te, África”, “Negra” de Noémia de Sousa e outros textos no quadro da emancipação social a partir das epistemologias do sul numa leitura pós-colonial.

Se é verdade que o capital humano se consegue por meio de uma boa educação e uma boa saúde, então temos que supor que a presença duma mulher-mãe emancipada e emancipadora, lutadora e sonhadora, pode ser o cavalo de batalha para podermos falar de um verdadeiro desenvolvimento do capital humano em qualquer contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em jeito de considerações finais, é pertinente que se tenha a concepção do termo “género” como aquele que abrange homens e mulheres dotados de saberes e imersos numa determinada cultura que não pode ser vista como isenta de críticas. Há que assumir a educação como porta primordial que leva os seres ao alcance da verdadeira liberdade, fazendo com que o ser humano sobretudo a mulher se assume como ser capaz de pensar, agir, realizar-se e para tal precisa estar ciente de que a educação é capaz de transformar os indivíduos subalternos e oprimidos para o estado de seres livres. Assim sendo, a cultura, jamais poderá ser vista como ocasião de criação de desigualdades, mas sim espaço apropriado da afirmação dos seres humanos pensantes.

Toda posição e om agir dos seres devem ser direccionados para a realização de quem as possuem e dos que ainda estão na busca de liberdade. É pertinente a compreensão da criação de espaço para a busca incansável da educação que permite o alcance de novos horizontes, ampliando a visão e modificando a forma de ver e analisar os fenómenos.



A verdadeira liberdade, não depende apenas do exterior, isto é, da criação do ambiente que favorece a conquista dessa liberdade, mas também depende da vontade de quem se encontra pressionada em ir ao encontro das oportunidades que estão ao seu alcance a fim de dar a volta a sua situação atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. Lisboa: Plátano Editora, S.A. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

FURTER, P. **Educação e Vida**. São Paulo: Editora Vozes Limitadas, 1966.

Gadotti, M. **Concepção Dialética da Educação**. (15^a.ed.). São Paulo: Cortez, 2001.

MAKSENAS, P. **Sociedade, Filosofia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SAVATER, F. **O valor de educar**. Lisboa: Editorial Presença, 1997.